

A EDUCAÇÃO DA MULHER: CRIAÇÃO DA ESCOLA DOMÉSTICA E A MODERNIZAÇÃO DA CIDADE DE NATAL NO INÍCIO DO SÉCULO XX

Denis Barros de Carvalho (UFRN)
Janaina Macêdo Santana (UFRN)

Introdução

As inovações no campo da educação refletem mudanças sociais mais amplas, o que permite que se compreenda como certas transformações sociais ocorreram a partir do estudo da História da Educação. O propósito deste ensaio é mostrar como o debate sobre a educação da mulher no início do século XX ocorrido em Natal desenvolvia-se sob a égide de um projeto de modernização conservadora e autoritária. Divide-se em duas partes: na primeira, apresentamos a reflexão feita por intelectuais potiguares a respeito do significado da criação da Liga de Ensino, instituição responsável pela criação da Escola Doméstica, e como esses intelectuais estavam impregnados por uma concepção autoritária e conservadora de educação. Na segunda parte, a educação da mulher na Escola Doméstica é descrita como representante do modelo protestante de inovação pedagógica, mais compatível com a modernidade, mas não menos autoritário do que o modelo que visava substituir.

A liga de ensino e o debate sobre educação, democracia e a formação ser humano

A Escola Doméstica foi criada em 1914, tendo sido implantada pela Liga de Ensino do Rio grande do Norte, instituição privada generosamente subsidiada pelo Governo do estado.

A Liga de Ensino foi criada em 23 de julho de 1911, tendo como grande idealizador o intelectual e político Henrique Castriciano. Na sessão solene de instalação da Liga, Castriciano proferiu a sua famosa conferência “Educação da Mulher”. Esta conferência pode ser considerada como um resumo do pensamento de Castriciano acerca da educação da mulher.

Castriciano (1993) afirma que somos uma nação sem disciplina e que, para realizarmos mudanças realmente efetivas no país, será necessário enfocar a família, de onde

sai o homem para a escola e para a sociedade. A mulher, portanto, tem um papel decisivo na educação humana, precisando – entretanto – de uma formação cultural adequada para desempenhar com competência essa tarefa. A educação doméstica é uma ciência que “pede conhecimentos, intuição clara da vida em seus múltiplos aspectos, pois que o ser humano (...) precisa defender-se de tudo principalmente de si mesmo (CASTRICIANO, 1993:293)”.

Concordando com Afrânio Peixoto (de quem era amigo pessoal), Castriciano afirma que a mulher é melhor educadora da primeira infância do que o homem. Para ele (1993),

ninguem como ellas entende a alma infantil, esse conjuncto delicado de sentimentos em evolução e de idéas que despontam, com o assombro da alma accordando aos poucos para as duras realidades da vida. As mães seriam as melhores educadoras: desgraçadamente, porem, ninguém pensa nisso e sem cultura a missão dellas ficará incompleta (p.304).

Castriciano também compartilha a crença que a educação transformará o Brasil. As “nobres qualidade” da sub-raça brasileira não foram melhoradas pela educação, segundo o pensador potiguar, simplesmente porque a elite dirigente brasileira

em vez de estudarem as aptidões do povo, a sua capacidade, o seu estado mental, divorciaram-se delle desde o começo deixando-o ao desamparo, anaphabeto ou sob regime desnacionalizador de imitações funestas(p.306).

O homem brasileiro, ainda de acordo com o escritor norte-riograndense, tem uma vontade resistente, embora desordenada. É preciso

(...) robustecer, disciplinar essa vontade, habitual-a à energia continuada, com objetivo lógico e racional. Precisamos dar consciencia, por meio da educação, à essa collectividade heróica e desgraçada que se arrasta pelo interior do paiz, especialmente pelo desditoso norte (...) (p.306).

A semelhança do discurso de Castriciano com o do professor Oscar Freire, pronunciado em 23 de novembro de 1922 na sessão inaugural da Sociedade de educação de São Paulo aponta para algumas questões que discutiremos em seguida. Freire (Citado por MONARCHA, 1990) constatou que

(...) as coletividades, qualquer que seja o tipo, ou tumulto irrefreável (...) que ruge e se encalpa na onda irresistível das revoluções, ou coletividade disciplinada (...) almas coletivas em suma, (...) precisam, para que o seu pensamento viva e que seu esforço tenha diretriz e se resolva em utilidades, encontrar quem as desperte, dirija, conduza e domine(...). (p.65).

Na verdade, esse discurso era típico da elite intelectual (principalmente de uma nova categoria profissional, os educadores) que gostaria de ocupar um papel decisivo na formação de uma nova consciência nacional e da reforma da sociedade.² Essa concepção reflete a forte influência exercida por Gustave Le Bon entre os intelectuais brasileiros.

Le Bon havia afirmado a fragilidade das democracias parlamentares justamente pela forte sugestionabilidade que as massas possuem. Um direcionamento forte, portanto, é preciso ser imposta às massas para que se possa conduzi-las (MOSCOVICI, 1993). Há, contudo, uma significativa diferença entre Le Bon e Castriciano. Para o médico francês, a solução é política: um governo forte. Enquanto que para Castriciano, uma nova consciência se faz necessária e não se constrói em curto prazo.

Castriciano argumenta que essa nova consciência se implanta com a educação infantil. Para isso, ele propõe a criação de jardins de infância. Estes deveriam iniciar a ação do poder público por meio de educadoras capazes de utilizar método e dedicação pessoal. O método é o do educador Froebel, indicado para crianças entre três e oito anos, justamente por ser na fase vegeto-sensitiva que as impressões nos ficam definitivamente gravadas no cérebro. A pedagogia de Froebel permite que a criança seja submetida mais cedo à disciplina, justamente por ser um método suave de ensino. Com uma verdadeira educação dos sentidos, a criança vai adquirindo hábitos de ordem, de asseio e de disciplina.

Esse seria o meio para a construção de uma nova mentalidade: a educação infantil.

Castriciano, porém, acreditava se essencial a formação cientificamente fundamentada das mães e por isso chama atenção para a puericultura, ciência e arte. Através dela, as mulheres aprendem a (CASTRICIANO, 1993) “conhecer melhor a alma da criança e cultivar-lhe a saúde como o jardineiro cuida das plantas(302)”.

As propostas da Liga de Ensino foram bem recebidas pelos intelectuais norte-riograndenses. Inúmeros artigos foram publicados nos jornais acerca da Liga e da educação da mulher. Destes, gostaríamos de destacar os seguintes: dois artigos de Sebastião Fernandes e um de Paulo Maranhão, José Augusto de Medeiros e A. B. de Nemo, todos publicados no jornal A REPUBLICA em 1911 – além de um artigo Francisco Sobral, publicado na Revista do Centro Polímático, número dois, em 1920.

Inicialmente analisaremos os dois artigos de Sebastião Fernandes, publicados nos dias 3 e 10 de julho de 1911. O primeiro visa apresentar os principais problemas que serão enfrentados pela nova proposta pedagógica que a Liga de ensino apresentava para Natal.

Fernandes (1911a) cita que o modelo de educação latino, com sua ênfase na cultura humanística, vinha

Atrophiando o raciocínio e a iniciativa, amolecendo a vontade e rebaixando o carácter, já pelo systema máis de decoro e da repetição servil de uma infinidade de manuaes recheiados de conhecimentos desnecessarios e de nenhuma utilidade na lucta quotidiana – o que faz, ainda hoje, longe e entre nós, as delicias dos collegios e dos cursos superiores, assegurando uma *laurea brilhante* aos eximios decoristas, que acabam, fatalmente, pelo embotamento das faculdades de assimilação e de critica; já pela serie innumeravel de preconceitos, pretensões ridiculas e vaidades doentias, resultantes do accumulo de erudição superficial inutil, sem applicação e sem prestimo na vida ordinária (p.1).

Em seguida, ele destoa dos liberais afirmando que (FERNANDES, 1911a)

Um funesto dogmatismo democratico, qual o de suppor que a “instrucção” é capaz de mudar consideravelmente os homens, tendo como resultado certo melhora-los e até fazel-los eguaes, e que aprendendo de cór os compendios se desenvolve a “intelligencia” levou-nos até alli.

A psychologia, porém, provou, facilmente, a insanidade do principio, e philosophos e sociologos chegaram á evidencia de que a instrucção não faz o individuo nem mais moral, nem mais feliz; que lhe não muda os instintos, nem as paixões hereditarias, que é até, por vezes, logo que seja mal dirigida, muito mais pernicioso do que util.

As estatisticas criminaes advertem que a generalidade, ao menos de uma determinada instrucção, veio augmentar, consideravelmente, a criminalidade (p.1).

A instrucção não somente era incapaz de aperfeiçoar os indivíduos como também criava alguns problemas sérios. Um número grande de pessoas instruídas somente é capaz de ser absorvido por um Estado burocrático. Como é impossível empregá-los todos, o resultado é que essa educação democrática, conforme afirma Fernandes (1911a)

(...) acabava por gerar uma multidão nefasta de desocupados e de insatisfeitos, que, cedo, se converteriam em terriveis elementos de perturbação da estabilidade e da ordem politicas e sociaes. A generosa illusão do socialismo recontava entre elles os seus mais perniciosos adeptos (p.1).

Essa instrucção e educação abstratas, argumenta Fernandes, feitas longe dos ambientes profissionais (fábricas, oficinas, campos, hospitais, escritórios, etc.) e sem

aprendizagem concreta, caracteriza a tradição latina de ensino. Como consequência, gerações de inúteis incapazes de vencerem na vida e voltados constantemente para os poderes públicos, de aspirações irrealizáveis, sem a lição da experiência, foi o legado que herdamos da tradição latina de educação.

Sebastião Fernandes, citando Le Bon, afirma que esse modelo de educação explica o atraso dos países e regiões latinas quando comparados com os países anglo-saxões e germânicos, onde os modernos princípios da educação experimental adequadamente aparelham novas gerações para a vida.

O desafio, portanto, é superar o modelo latino de educação e introduzir no Rio Grande do Norte os modernos princípios da educação experimental.

No segundo artigo, Fernandes (1911b) comenta o impacto positivo que a Liga produzirá. Sua tese é simples: “Uma vez reformada ou seguramente dirigida a educação feminina, ter-se-á, implicitamente, reformada e seguramente dirigida a educação dos nossos futuros homens. É preciso refazer as bases, começando pela educação da mulher(p.1)”.

A educação da mulher é essencial porque é

Ella [que] vai encarregar-se da formação do caracter dos nossos filhos, do desenvolvimento racional da saúde, da intelligencia, da vontade dos pequeninos seres de hoje, mas cidadãos d’amanham, responsaveis pelos destinos da pátria (Fernandes,1911b :1).

O Estado do Rio Grande do Norte, de acordo com o lombrosiano jurista potiguar, que tem realizado progressos extraordinários, quando considerados o seu passado e os demais Estados da República, está encarregado de realizar – por intermédio da Liga de Ensino – de realizar o maior de todos os progressos: refazer o caráter nacional pela educação da mulher, a quem compete a formação moral do país.

Sebastião Fernandes reconhece que a ciência evidenciou de modo incontestável, para usar os seus termos, a inferioridade biológica da mulher relação ao homem, mas ressalta que é também incontestável que a mulher é mais capaz do que o homem para preparar e dirigir as novas gerações.

O educador Paulo Maranhão, em seu artigo publicado no dia 13 de julho de 1911 no jornal oficial do Estado, A REPUBLICA, ressalta a importância da iniciativa privada na instrução, citando Herbert Spencer que negava a necessidade da participação do governo no ensino. Como bom liberal, entretanto, Maranhão concorda com Stuart Mill quando este

afirma que a interferência do governo justifica-se quando está em jogo o interesse do consumidor. Apesar disso, Maranhão (1911) não hesita em afirmar que

No Rio Grande do Norte, não está longe o dia em termos de verificar a inutilidade do ensino oficial perante o ensino livre-profissional, único capaz de preparar o espírito dos moços, educando-lhes o carácter e instruindo-lhes a inteligência.

E, está fóra de duvida que somente as instituições particulares attento o fim exclusivo para que foram creadas, poderão dar uma bôa instrucção, de acordo com os criterios da Pedagogia Moderna(p.1).

Das instituições particulares, a Liga de Ensino é a que tem o melhor objetivo, que é promover a educação da mulher.

Nas palavras de Maranhão (1911),

Ensinar a mulher a enfrentar os embates da vida e as agruras da sorte, tal é a preocupação generosa desta phalange de patriotas abnegados e convictos que, num gesto bellissimo de altivez sublime, tomam sobre os hombros a ardua tarefa de inculcar no espirito feminil a grande lei da Lucta pela Vida (p.1).

José Augusto de Medeiros, que seria Governador do Rio Grande do Norte e entusiasta participante nos movimentos nacionais de renovação educacional, escreveu um artigo acerca da Liga de Ensino publicado na edição do dia 7 de julho de 1911 do jornal A REPUBLICA. Citando dois livros de Edmund Demolins (a saber: *A quoi tient la superiorité des anglo-saxones* e *L'Education nouvelle*), José Augusto de Medeiros (1911)

os phenomenos que as colletividades humanas apresentam, quaisquer que sejam, instituições, leis costumes, resultando, é certo, de uma triplice ordem de causas, cosmicas, biologicas, moraes, obedecem, não obstante, preponderantemente ao factor educação(p.1).

A superioridade anglo-saxônica não se deveria às condições de natureza física, nem de qualidade etnológica, mas sim à organização de suas instituições educativas.

Medeiros também cita Le Bon para mostrar como o modelo latino de educação é abstrato, incapaz de preparar para a vida.

A Liga de Ensino, que de acordo com Medeiros (1911) é a instituição que irá transformar a educação brasileira justamente por romper com o modelo latino de educação,

começará a objectivar a sua acção curando antes de tudo do futuro das mulheres, isto é, aprestando-as, armando-as para o combate pela existencia, dando-lhes por uma systematica formação,

as qualidades que as tornem aptas a viver por si, sempre e quantas vezes isto succede! Que lhes falte o amparo amigo do esposo, do pae, do irmão, e as colocando em situação de poder desempenhar o papel que lhes está naturalmente indicado na familia o que tudo quer dizer – educando-as para o *ménage* e para uma profissão (p.1).

O último artigo publicado na REPUBLICA a respeito da Liga de Ensino é de A. B. de Nemo, datado de três de agosto de 1911. A Liga de Ensino visa, segundo o articulista, corrigir os defeitos da educação ministrada à mulher, tornando mais capaz de lutar pela vida. Para que isso seja possível, contudo, é preciso nada menos que se estudar o estado psíquico que constitui o tipo psicossocial brasileiro. Nemo (1911) reproduz algumas convicções comuns ao comentar que

(...)o typo brasileiro se acha elevado de certo hybridismo ethnographico, visto como ainda perduram os efeitos do triplice cruzamento de tres ramos infimos: o portuguez, latino decadente, o negro, servil e o selvicula, indolente e estacionário(p.1).

Com tal tipo mestiço, é impossível – segundo Nemo – qualquer mudança social no Brasil, a não ser em longuíssimo prazo.

A Liga de Ensino, contudo, pode contribuir sim para as mudanças, pois é composta por homens determinados. Como conclusão, Nemo (1911) afirma, repetindo alguns chavões do discurso autoritário da época,

que “o poder das massas é nullo se lhes falta quem as governe. E, desde que, á frente deste movimento estejam homens de fibra resistente para reagir contra as tendências opostas pela insinuação e persuasão no espirito popular, está resolvido o problema da Liga(p.1)”.

Francisco Sobral é o autor do artigo publicado na Revista do Centro Polimático, em agosto de 1920, sobre educação doméstica. Ele afirma está convencido da importância da educação doméstica para a formação do caráter individual e do aperfeiçoamento moral da sociedade. Sobral argumenta que, se o hábito funciona como uma segunda natureza, a educação é essencial. Para lidar com as degenerescências físicas e morais que assolam a nossa civilização, somente uma educação experimental. A mulher precisa ser educada para ser uma educadora capaz de preparar adequadamente as novas gerações.

Protestantismo, educação e o cuidado cientificamente orientado com as crianças

A educação da mulher era um tema palpitante, mas de pouca efetivação em Natal. O Colégio Imaculada Conceição das Irmãs Dorotéias, criado em 1902, era dedicado ao ensino para mulheres, embora o fizesse de um modo tradicional.

Em 1897 era criado O Colégio Americano da Igreja Presbiteriana. Com 47 alunos, a escola era dirigida por Rebecca Morrisette, que em 1899 seria substituída por Eliza Reed, que havia trabalhado no Colégio Americano de Lavras, em Minas Gerais. O Colégio Americano era misto. De acordo com a Revista presbiteriana *The Missionary Survey*, em uma reportagem sobre o trabalho de Reed em Natal – publicada em maio de 1913 (Citado por COSTA, 1988:94), o seu trabalho foi capaz de “criar um tipo de mulher que era anteriormente desconhecido naquela região”. Eliza Reed criaria uma Escola Normal para mulheres em 1900, que funcionou até 1904. Uma das alunas formadas nessa escola, Sindrônia Carvalho, escreveu o seguinte acerca da Escola Normal feminina:

A escola tem feito muitos amigos e mudado as idéias dos pais brasileiros com relação à vida das moças. Eles estão se tornando mais propensos a não nos fazer casar tão cedo e a permitir escolhermos nossa própria vida. Outro dia o governador felicitou uma jovem aluna pelo fato da senhorita Reed tê-la escolhido para a classe normal. Ela tem treze anos de idade e seu pai não a fará casar-se agora – só casará quando quiser – embora muitas pessoas o critiquem por causa de suas novas idéias (Citado por COSTA, 1988:94).

A influência das educadoras estadunidenses também se fez constar na Escola Doméstica. Em 1919, Leora James, que havia sido diretora da Escola Superior do Estado da Virgínia, assume a direção da Escola Doméstica. Protestante, miss James tornar-se-ia membro da Igreja Presbiteriana de Natal. Este “espírito” da educação protestante foi percebido por Oliveira Lima (1971) que, durante uma visita ao Rio Grande do Norte, afirmou:

Ouvi que exercem grande influência em Natal na sua atividade de educadoras – duas americanas, miss Reed e miss Porter, se não me engano. Miss Leora James. A diretora incomparável da Escola Doméstica, que pela organização e pela disposição parece um pedaço dos Estados Unidos encravado no Rio Grande do Norte, não faz mais do que seguir-lhe as pegadas da esfera que lhe proporcionou a lúcida iniciativa do Governo(p.444).

Uma amostra das idéias de miss James temos no artigo “O papel de brinquedos em educação”, publicado no número dois da Revista do Centro Polimático em 1920. Neste artigo, James – que também era professora de Pedagogia na Escola Doméstica – demonstra a utilidade dos jogos no desenvolvimento sensório-motor. Além disso, em cada fase do seu desenvolvimento individual a criança se interessa por brinquedos e jogos que possam desenvolver as habilidades que são manifestas nesse momento. Por fim, a educadora

estadunidense afirma que no brinquedo a criança recapitula todas as experiências da espécie humana. Em suas palavras (JAMES, 1920),

Considerando os interesses variáveis que encontram expressão nos brinquedos, a impressão que fica é a humanidade para assim em revisão, para nós a escala inteira da sua experiência, desde os primeiros dias até agora, traduzindo em material de brinquedo, as circunstâncias de amor, ódio tristeza, alegria, medo e veneração. Nada parece exaltado nem solenne nem humilde de mais, de modo a não servir de assumpto para estas ocasiões de alegria(p.40).

Mil novecentos e dezenove também foi o ano da criação do Instituto de Puericultura da Escola Doméstica, fundado por Varela Santiago. Este seria o primeiro curso de puericultura ministrado no Rio Grande do Norte. O programa abrangia toda a vida da criança, desde o nascimento até o fim da primeira infância. Seu conteúdo era o seguinte:

Puericultura: Cuidados aos recém nascidos. Peso e temperatura. Alimentação. O berço e os vestidos. Vacinação. Dentição. Higiene da pele, da boca, do nariz, da garganta, dos olhos, dos ouvidos; cuidados em casos de acidentes. O choro, a palavra, o andar, o nervosismo das crianças. Psicologia experimental aplicada à educação.

O curso de puericultura da Escola Doméstica seria considerado modelo por Aduino Câmara, em um artigo sobre puericultura e educação primária, publicado no jornal A REPUBLICA em 25 de maio de 1928, Câmara (1928) lembrava que a

Escola Domestica de natal, há 10 annos, mantem um pavilhão de puericultura, a que se recolhem creanças de tenra idade, para que as alumnas obtenham os conhecimentos que não pode faltar à formação de uma futura mãe. Acompanhando o desenvolvimento das creanças, e cuidando de sua saúde, as educandas fazem um curso de puericultura pratica, que grandes vantagens lhe trará na vida. A diffusão dessas noções nas nossas escolas primarias aceleraria a execução de um vasto programa de educação sanitaria, adstricto, por enquanto, á capital(p.1).

A Escola Doméstica, portanto, inovava a educação norte-riograndense, com a proposta de uma educação “científica” das mulheres e, a partir delas, das crianças natalenses, que cresceriam robustas, híidas e disciplinadas.

Considerações finais

A modernização pedagógica introduzida pela Escola Doméstica corresponde a um projeto de modernização conservadora, que pretendia restringir o trabalho da mulher ao cuidado das crianças e educá-las para a disciplina e obediência.

Referências Bibliográficas

BARROS, E. C. (2000). *Atheneu Northeriogrãdese: Prãticas culturais e a formaçãõ de uma identidade*. Tese de doutorado. Sãõ Paulo: PUC.

CÂMARA, A. (1928). O ensino da Puericultura nas escolas primãrias. *A REPUBLICA*, 26 de maio de 1928, p.1.

CARVALHO, M. (2000). Reformas da instruçãõ pùblica. In E. Lopes, L. Filho & C. Veiga. (Orgs). *500 anos de educaçãõ no Brasil*. pp. 225-251. Belo Horizonte: Autêntica.

CASTRICIANO, H. (1993). *Seleta de textos e Poesias*. Josê Geraldo de Albuquerque (Org.). Natal, sem notas tipogrãficas.

COSTA, W. (1988). *A implantaçãõ do protestantismo no Rio grande do Norte (1879-1908)*. Curso de Mestrado em Histãria. Recife: Universidade Federal de Pernambuco.

FERNANDES, S. (1911a). O problema: A Liga do Ensino I. *A REPUBLICA*, 3 de julho de 1911, p.1.

FERNANDES, S. (1911b). A Liga do Ensino II. *A REPUBLICA*, 10 de julho de 1911, p.1.

JAMES, L. (1920). O papel de brinquedos em educaçãõ. *Revista do Centro Polimãtico*, 2: 36-41.

LIMA, O. *Obra seleta* (1971). Rio de Janeiro: Instituto Nacional do Livro.

MARANHÃõ, P. (1911). A Liga do Ensino. *A REPUBLICA*, 13 de julho de 1911, p.1.

MEDEIROS, J. (1911). A Liga do Ensino. *A REPUBLICA*, 7 de julho de 1911, p.1.

MONARCHA, C. (1990). *A reinvençãõ da cidade e da multidãõ – dimensãões da modernidade brasileira: a Escola Nova*. Sãõ Paulo: Cortez.

MOSCOVICI, S. (1993). *La era de las multitudes: um tratado de psicologia de las masas*. (Traduçãõ A. Camino). Mèxico: Fondo de Cultura Econãmica (Originalmente publicado em 1981).

NEMO, A. (1911). Liga de Ensino. *A REPUBLICA*, 3 de agosto de 1911, p.1.

Notas:

¹ O projeto de “reforma da sociedade pela reforma do homem”, *slogan* do movimento escolanovista da dècada de vinte, se configurou como uma forma alternativa de mudançã social à “via revolucionãria”, conforme bem demonstrou Marta Carvalho (2000).

